

## Silêncios da história: Meus olhos nos olhos da mata

Quando eu era criança, meu pai me contava que havia índios espiando na fazenda de café. Ele falava baixo, como quem revela um segredo antigo, um mistério que vinha da mata fechada. Eu imaginava homens silenciosos, camuflados entre as folhas, sentados nos galhos mais altos das árvores, observando tudo sem fazer barulho. Às vezes, no vento, achava ouvir o eco de um canto distante. Mas nunca fui até lá, nunca vi nada — só ficava a fantasia, alimentada pelo tom de voz do meu pai, meio receoso, meio fascinado. Minha mãe não gostava de mato, então a fazenda ficava longe, e os indígenas, mais longe ainda, só nas histórias e nos artefatos que meu pai trazia para mim.

Anos depois, descobri que aquela conversa tinha um fundo de verdade triste. Os Xetá, que sempre viveram naquelas terras, não sumiram por acaso — foram varridos pela expropriação das companhias colonizadoras e pelos latifundiários com apoio dos governos do Paraná. As companhias chegaram, derrubaram e dividiram a floresta neotropical, e os Xetá, sem território e sem proteção, viraram pó na história oficial. Viraram silêncio, segredo dito entredentes a assombrar as lavouras de café como um vento de alteridade negada. Quando entendi isso, senti um frio: aqueles "índios espiões" que eu inventava na infância eram um resto de memória, um fantasma que meu pai, sem saber direito como, tentava não deixar morrer.

Essa descoberta me levou a uma jornada entre lembranças, arte e ativismo. Saí de São Paulo para Nova York em 1964 deixando esta pequena coleção de objetos dos anos 50, mas levei comigo o desejo de desvendar essa fantasia infantil. Em 1995, enquanto moldava o barro de Cunha<sup>1</sup> para a *Memorial Armênia*, instalação permanente no Metrô de São Paulo<sup>2</sup>, comprei um sítio e plantei quatrocentas araucárias—uma tentativa de regenerar não só a terra, mas algo que havia sido apagado nas memórias. Logo depois vendi a terra, segui em frente, mas a sensação de incompletude ficou.

Anos mais tarde, soube que, dos Xetá, oito crianças haviam sido raptadas pelos colonizadores e crescido longe de sua gente. Haviam sobrevivido, existiam, resistiam. Aquilo levou a uma necessidade de retornar ao projeto. Lembrei do colo do meu pai, das histórias fragmentadas que ele me contava sobre o Brasil, e senti que meu trabalho — as instalações, as esculturas, os gestos quase inconscientes — era uma forma de buscar restituição. Não só pelos Xetá, mas por tudo o que foi roubado: terras, árvores, histórias, identidades.

Hoje, minha arte e o ativismo Xetá se misturam. Os Xetá reconstituem suas narrativas e histórias, lutam pelo reconhecimento de sua existência e pela demarcação das suas terras na Serra dos Dourados, contra qualquer Marco temporal. Eu tenho lutado pelo lugar que vai além do meu corpo, aquele ninho devorado pelas iraras. Talvez a minha tentativa seja a de reencontrar algo perdido quando atravessei o oceano em busca da liberdade fantasiosa. Hoje me deparo com o muro cuja porteira acaba de se fechar. Com outras desterritorializações

---

<sup>1</sup> Cidade serrana do estado de São Paulo que fazia parte da antiga Estrada Real, rota para escoamento do ouro durante o Brasil Colônia. A cidade guarda tradições populares como a cerâmica e a viola caipira.

<sup>2</sup> Instalada na Estação do metrô Armênia, na cidade de São Paulo, em referência ao primeiro genocídio do século XX, o do povo armênio que habitava o Império otomano, no início da Primeira Guerra Mundial.

forçadas e inúmeras fronteiras. No meio dessas travessias, ainda escuto o eco daquela voz infantil, imaginando os olhos na mata, tentando entender o que, afinal, ficou para trás.